Linha D'Água, n. especial, p. 161 - 167, jun. 1995

Conferência

DAS REPRESENTAÇÕES DA INFÂNCIA, NO IMAGINÁRIO SOCIAL, À CRIAÇÃO DE UMA LINGUAGEM MÍTICA.

Elza Dias Pacheco*

"Foram-se os mitos do amor (...)
restaram os mitos do poder".

Snyders

"Infância? Pobre, mas linda (...)
Tão linda que mesmo longe
Continua em mim ainda"

Vinicius de Moraes

"A música que me faz rir ou chorar, o alimento que me apetece (...)
a carícia que me alegra ou entristece: tudo isso está relacionado às
minhas próprias raízes culturais, (...) às formas (...) de entender e
sentar a vida, (...) peculiares à cultura à qual pertenço."

Rubem Alves - Hijos del mañana

O presente trabalho pretende falar sobre as representações da infância que, povoando o imaginário social, se estendem ao longo da história, originando uma linguagem mítica expressa na literatura, nos textos didáticos, na mídia e no cotidiano, através de personagens simbólicas estereotipadas como: *o pequeno anjo, o bom diabinho, a criança frágil, a criança perversa, a criança passiva e imatura, (...).*

Tais representações caracterizam aqueles que as criam e as expressam, constituindo-se num verdadeiro teste projetivo dos padrões, valores e expectativas de uma determinada sociedade, refletidas, como foi dito, nos mais diversos produtos culturais que, utilitários ou imaginários, encarnam as

* USP - ECA

Linha D'Água, n. especial, p. 161 - 167, jun. 1995

concepções adultas e se constituem em suportes de modelos e visões de mundo importantes na socialização das crianças

A título de exemplo, tomemos o Pinóquio de Colódi (...) um boneco de pau feito pelo bom velhinho Gepeto e que vira gente. Uma história que, através dos tempos, vem povoando o imaginário infantil com lições terroríficas do tipo: *a falta de Pinóquio às aulas implicará em perda da sua humanidade (...).*

Mas a quem interessa a estória do Pinóquio? Qual a *"moral"* implícita nela? Claro que é aos defensores da *escola gepetiana,* da escola cujo objetivo é formar o *bem adaptado* , o *bem comportado*, aquele que não questiona ordens. O Pinóquio interessa, ainda, aos adultos que, ignorando a infância como uma etapa que tem um fim em si mesma, perguntam frequentemente, à criança: *O que você vai ser quando crescer?*

Através da citação de uma produção literária ficcional, vimos que a forma de perceber e de pensar a criança interfere sobre as suas condições de vida e sobre as expectativas e comportamentos do adulto em relação a ela, já que cada sociedade a partir de imagens e ideais, cria as suas representações coletivas *sobre e para* a criança.

Quando falamos de representação estamos falando de realidade e de verdade, conceitos que implicam numa determinada teoria do conhecimento que fundamenta e explica o *'como'* o homem conhece e o *'como'* ele encontra um significado para a sua existência. Estamos, ainda, nos referindo ao fato de o ser humano mover-se num mundo essencialmente simbólico, sendo os símbolos linguísticos preponderantes na construção social da sua realidade, confirmando a fala de Ludwig Wittgentein, "os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo".

Todavia, antes que o pensamento se apodere de qualquer experiência como seu objeto, ocorre um envolvimento do homem com o mundo, em que se incluem as suas percepções e os seus estados afetivos, anteriores ao processo de simbolozação. Isto nos remete a Merleau-Ponty quando diz que o mundo não é apenas o que pensamos mas também o que vivemos e isto inclui o sentir que é anterior ao pensar, levando-nos a afirmar que antes de ser razão, o homem é emoção, ou seja, o sentir e o simbolizar, no conhecimento do mundo, se articulam e se completam.

Mas retomemos o fio da meada e voltemos às representações da infância. Conhecê-las interessa a todos que, direta ou indiretamente, estabelecem relações com a criança no seu cotidiano ou são responsáveis pela organização de suas condições de vida e do seu estatuto na sociedade. Justifico, a simples observação do estatuto da criança nos leva à constatação do quanto ela é ignorada e ou desconhecida na vida social, em termos de urbanismo, habitação e equipamentos sócio-culturais.

Linha D'Água, n. especial, p. 161- 167., jun. 1995

A afirmação acima pode ser constatada a partir de observações *'in loco'* realizadas em praças públicas sob a administração da Regional Lapa (AR - Lapa). Entre os 238 logradouros da Regional, apenas 16 praças possuem parque infantil e, destas, apenas 2 possuem brinquedos do tipo não convencional, feitos com toras de eucalipto, cordas e pneus.

Felizmente, a carência material e o desconhecimento da ludicidade infantil são supridas pela recriação que a criança faz dos objetos disponíveis, através do ato de brincar, dificilmente ela aceita os usos explícitos nas regras de uma caixa de brinquedos ou concorda com a maneira *'certa'* imposta como norma pelo adulto.

Não é por acaso que na vasta obra de Walter Benjamin, tão marcada pelo pessimismo diante da história, os textos sobre a cultura infantil evidenciam que, após um mergulho na própria infância, o autor recupera, em certo sentido, a maneira de ver a criança, a sensibilidade e os valores dela e, sob esse ângulo, tais escritos podem ser lidos como se fossem relatos de crianças para crianças, à margem da cultura adulta. Vejamos algumas de suas falas:

"(...) jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos - sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos - mas as próprias crianças, durante as brincadeiras. Uma vez perdida, quebrada e reparada mesmo uma boneca principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças" (1984:65)

"(...) os brinquedos documentam como o adulto se coloca com relação ao mundo da criança. Há brinquedos muito antigos como a bola (...) que provavelmente derivam de objetos de culto e que, dessacralizados, dão margem para a criança desenvolver a fantasia. E há outros (...) impostos pelos adultos enquanto expressão de uma nostalgia sentimental e de falta de diálogo. Em todos os casos, a resposta da criança se dá através do brincar (...) do uso do brinquedo (...) E a criança escolhe os seus brinquedos (...) entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças " fazem a história a partir do lixo da história". E o que as aproxima dos inúteis, dos inadaptados, e dos marginalizados". (1984:14)

Passemos, agora, em revista , as representações da infância presentes nos manuais italianos, de iniciação a aprendizagem da leitura detectadas por Umberto Eco e Marisa Bonazzi (1980), em *"Mentiras que parecem verdades"*, obra pioneira no asssunto, que nos revela os perigos do ilusionismo didático através do qual a criança é educada para uma sociedade inexistente onde os problemas são apresentados de forma falsa e grotesca e os seus personagnes não tem inscrição na história e na cultura.

Nosella (1981), em *"As belas mentiras"*, ao analisar livros didáticos brasileiros cria uma obra similar à de Eco e Bonazzi, obtendo resultados

Linha D'Água, n. especial, p. 161- 167, jun. 1995

semelhantes, ou seja, a característica invariável do mundo imaginário, descrito nos textos, é a ausência de problemas na sociedade e na natureza. A Família é um lugar de paz, segurança e felicidade. A escola é o segundo lar e a sua função é formar o futuro cidadão da sociedade capitalista, transformando-o num ser *'educado', 'obediente', 'passivo' e 'acrítico'.*

Esta breve passagem pelo conteúdo dos livros didáticos nos mostram que o discurso contido nos mesmos deixa transparecer um mundo imaginário que em nada se assemelha ao real. É um discurso por onde circulam sempre os mesmos mitos: um país grandioso com matas verdes e imensas, com um lindo céu azul; um país onde ninguém adoece, ninguém tem fome, ninguém é subnutrido, ninguém morre de malária ou de *morte severina.* Um país onde não há corrupção, não há greves e todos vivem sorridentes. Por outro lado, há os discursos que partem do pressuposto que o leitor-criança é, no mínimo, imbecilizado (...) *o vovô viu o ovo; a pata nada; a barriga é do bebê; o bico é do bule; o boi baba; Xerxes joga xadrez; Zeca toca Zabumba (...).* Sem conflito não há como lutar pela redução do mesmo. Assim, tais discursos são, apenas, um convite ao marasmo. Até aqueles que outrora, levavam ao ufanismo, "Criança! Não verás país nenhum como este: imita, na grandeza, a terra em que nasceste!"- Hoje não resistem a uma leitura irônica.

Mas como surgiram as primeiras representações da infância? Vejamos o que nos diz Philippe Ariès que, através de pinturas renascentistas de crianças vestidas como adultos, da pesquisa em diários, em testamentos, em igrejas e em túmulos, projeta a transformação da família, quadro a quadro, em câmera lenta. *"Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la (...). Isso faz pensar (...) que a infância era um período de transição (...). Por volta do século XIII, surgiram alguns tipos de crianças (...) o anjo, representado sob a aparência de um adolescente (...). O segundo tipo, seria o modelo e o ancestral de todas as crianças pequenas da história da arte: o menino Jesus, ou Nossa Senhora menina, pois a infância que se ligava ao mistério da maternidade da Virgem e ao culto de Maria, (...). Um terceiro tipo de criança apareceu na fase gótica: a criança nua. O menino Jesus quase nunca era representado despido (...). Ele só se desnudaria no final da Idade Média (...). Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criancinha nua e em geral assexuada (...). O moribundo exala uma criança pela boca (...). A verdade é que o grupo da Virgem com o menino se transformou cada vez mais profano: a imagem de uma cena da vida cotidiana (...). Timidamente a infância religiosa deixou ele se limitar à infância de Jesus. Surgiu a da Virgem (...) a de São João, o companheiro de jogos do menino Jesus, a de São Tiago (...). Essa iconografia (...) coincidiu com um reflorescimento de histórias de crianças nas lendas e contos pios (...)".* Ela se manteve até o século XVII na pintura, na tapeçaria e na escultura.

Linha D'Água, n. especial, p. 161- 167., jun. 1995

Entre o fim da Idade Média e o século XVII a criança conquista um lugar na família. Deixa de ser confiada aos estranhos e ingressa no lar, tornando-se um elemento indispensável da vida cotidiana. Educação, carreira, futuro (...). Não foi o individualismo que triunfou, foi a família que se privatizou em detrimento das relações entre senhores e criados, (...) entre a vizinhança. A casa deixou de ser um lugar público pois sociabilidade e sentimento de família não eram compatíveis. Surge a educação escolar e a consciência de sua importância. Ciências como a Psicologia e a Psicanálise passam a ter lugar de destaque na solução dos problemas morais e sexuais da infância, enquanto os jesuítas se encarregavam da educação das crinaças e dos jovens.

Enquanto a família moderna retirou as crianças das ruas, a educação as confinou, as enclausurou nos internatos e infringiu-lhes todos os tipos de castigos físicos. Tal comportamento da família moderna respondia a uma necessidade de intimidade e de identidade entre os seus membros. Surgem o sentimento de classe, de raça (...). A antiga sociedade, que concentrava num pequeno espaço uma grande diversidade de estilos de vida, passa a assegurar, a cada gênero de vida um espaço reservado. A repugnância dos ricos origina a vergonha dos pobres.

Vejamos agora, quais são as representações da criança a partir da Idade Moderna. Voltando a Riès nota-se, através da sua fala, que a consciência da distância entre o adulto e a criança parece não ter existido na Idade Média, demonstrando a ausência de significado do estatuto da infância que era representada, pela maioria dos adultos, como objeto de divertimento e de brinquedo para os mesmos, o que muito irritava os moralistas que a percebiam como um futuro adulto.

Snyders, o grande pedagogo francês, (1965) aborda em sua obra, a evolução das imagens da infância no decorrer do Ancien Régime. Santo Agostinho via a criança como anti-perfeição devido ao pecado original. Descartes a via como erro e Bossuet como tenebrosa. Por outro lado, Rousseau, através de sua obra *"O Emílio"*, diz que a criança nasce pura e inocente vindo a ser corrompida em contato com a sociedade.

Até o final do século XVIII a infância é relegada pela literatura: Boileau fala apenas da adolescência; Bruyère descreve as crianças como seres preguiçosos, altivos, invejosos e coléricos. Nota-se que as crianças só aparecem em imagens positivas enquanto objeto de divertimento e durante os próprios jogos.

Pode-se observar, que só a partir do século XVIII, com ascenção da burguesia e o desenvolvimento da economia capitalista, associadas às idéias de família e de escola, surgem as primeiras preocupações com o objeto social criança, não enquanto tal, mas como um ser em evolução para a vida adulta, não como um ser político e cultural mas como um ser marginal com o mesmo estatuto do índio, do negro, do velho, do analfabeto, do doente mental (...).

Linha D'Água, n. especial, p. 161-167, jun. 1995

É natural que o conservador conceba a infância a partir dos parâmetros da classe dominante. Mas, e os progressistas, ou aqueles que se intitulam como tal? É que ambos têm como suposto o evolucionismo que considera a criança como apolítica e ahistórica; como um ser natural, etário, incompleto; com um vir-a-ser adulto. Nesta concepção a criança *"não é"*, mas virá a ser quando o seu desenvolvimento estiver completo do ponto de vista biológico. Quando adulto ela está completa e poderá ingressar no mercado de trabalho e ser produtiva.

O preocupante não é apenas esta visão de criança, mas a visão de adulto como alguém que, ao adquirir status, possui um papel social condicionado pela sua classe social. Será o homem completo, pronto, que completou o seu ciclo histórico, e, portanto, não mais sofrerá transformações.

Até o momento atual, no imaginário social adulto, ainda predomina a ótica evolucionista que ignora a criança circunscrita ao nível das relações histórico/políticas. Em função disto ouve-se frequentemente a pergunta feita às crianças: *"O que você vai ser quando crescer? "* Claro que tal questão define a representação adultocêntrica, redutora, que vê, como já dissemos, no adulto e etapa final - o adulto completo cristalizado.

Assim, para se reorganizar a discussão das representações da infância na produção cultural é necessário, como diz Perrotti, "passar pela definição do lugar da criança na cultura assim como pela definição do que seja a própria cultura. Se esta for identificada apenas como acumulação de experiência, como transmissão, aceitaremos (...) em papel passivo da criança no processo cultural. Se identificarmos cultura como criação - recriação de si, do outro e do mundo (...) não poderemos aceitar que seres humanos sejam transformados em objetos da cultura erigida em sujeito"(1982: 12)

Bibliografia

ARIÈS, Ph. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. São Paulo : Diefel, 1985.

BENJAMIN, W. **A criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo : Summus, 1984.

CH DE LAUWE, M. J. **Um outro mundo**: a infância. São Paulo : EDUSP/Perspectiva, 1971.

ECO, U & BONAZZI, M. **Mentiras que parecem verdade**. São Paulo : Summus, 1980.

Linha D'Água, n. especial, p. 161- 167., jun. 1995

PACHECO, E. D. **Comunicação, Educação e arte na cultura infanto - juvenil**. São Paulo : Loyola, 1991.

PERROTTI, E. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, R. (org.) **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982.